

Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
Curso de Graduação em Ciência Política

Amanda Ferrari Vasconcellos

**Futebol e identidade nacional:
O ressentimento que fez de um esporte uma nação.**

Brasília - DF
2013
Amanda Ferrari Vasconcellos

**Futebol e identidade nacional:
O ressentimento que fez de um esporte uma nação.**

Monografia apresentada em conclusão ao curso de graduação de Ciência Política da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Nascimento

Brasília, dezembro de 2013.
Amanda Ferrari Vasconcellos

Foi a vitória do escrete e mais: foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem uma potencialidade criadora de uma nação de Napoleões.

Nelson Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, uno e trino, senhor de toda a minha vida e de todas as minhas ações, a ele toda a honra.

À Maria Santíssima, minha mãe, rainha, senhora e razão de toda a minha esperança, que passou na frente de todas as minhas atitudes e me deu forças para prosseguir.

Aos meus pais, Márcio e Alice, e meu irmão, Bruno, por serem minha base e meu apoio, por me darem todas as condições de ser o que sou e me amarem. Eu amo vocês.

Ao Prof. Paulo Nascimento, pela orientação deste trabalho e, mais do que isso, pela adoção do tema. De fato, não sei o que seria de tudo isso aqui senão fosse a sua vontade de fazê-lo dar certo, professor.

A todos os meus amigos que prosseguiram comigo na caminhada, que me levam ao caminho da santidade e me ajudam a cumprir com qualidade meus deveres de estado.

Àqueles que já participaram da minha vida profissional pelos lugares em que passei, em especial ao meu ex-chefe Hélio Brenno e minha atual chefe Kátia, por serem apoiadores das minhas conquistas e confiarem nos meus estudos e no meu trabalho.

Ao meu amigo e colega, Abhner Youssif, por ser meu espelho de bom aluno e que me ajudou a concluir e formatar este trabalho.

Enfim, a todos aqueles que, durante esses oito semestres, de algum modo, contribuíram para a realização do curso de Ciência Política na Universidade de Brasília . UnB, curso esse que, agora, saudosamente se despede;

A todos vocês, nominalmente mencionados ou não, registro meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Estudos sobre a relação entre o futebol e o Brasil são recorrentes na academia, afinal de contas, é indiscutível que o futebol seja o esporte com maior destaque no país e, por isso, exerça papéis no extra campo, como um dos símbolos do Estado e uma de suas principais riquezas. Todavia, no que tange a esse estudo, pretende-se revelar como essa prática esportiva extrapolou não somente os limites do campo, mas também do simbolismo, e funcionou como elemento fundamental para a criação de um sentimento de nacionalidade no país, segundo a tese de nacionalismo ressentido da socióloga Liah Greenfeld. A ideia central é expor a teoria desta autora e a partir do cenário brasileiro, no espaço temporal que vai desde a derrota na Copa do mundo de 1950 até a conquista do tricampeonato em 1970, perceber as convergências e divergências da relação entre ambos e elucidar em quais aspectos o futebol realmente se fez valer como primordial na construção da nação e do consequente sentimento de identidade nacional.

Palavras-chave: Futebol, Nacionalismo, Brasil, Ressentimento, Copa de 1950, Tricampeonato, Identidade nacional.

ABSTRACT

Studies about the relationship between football and Brazil are recurrent in the academy, after all it is consensual that football is the sport with the greatest spotlight in Brazil and therefore exert roles also out of the field game, as a symbol of the state and one of its main richnesses. However, in this study, we intend to reveal how this sport not only overstepped the limits of the field, but also of the symbolism, and functioned as fundamental element to the creation of a sense of nationhood in Brazil, according to the thesis of resentful nationalism defended by the sociologist Liah Greenfeld. The central idea is to present the theory of this author and starting from the Brazilian scene in the timeline that goes from the defeat in the 1950 World Cup until winning the third championship in 1970, realizing the convergences and divergences of their relationship and elucidating which aspects football really did stand as paramount in nation building and the consequent sense of national identity.

Keywords: Soccer, Nationalism, Brazil, Resentment, 1950 Worldcup, Third Championship, National Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. Uma ideia sobre identidade nacional.....	11
1.1 Percepções gerais sobre o nacionalismo	12
1.2 O ressentimento na construção de identidades nacionais	14
2. Raízes do futebol.....	19
3. Futebol, ressentimento e nacionalismo.....	24
3.1 As copas do mundo e o ressentimento	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Sem sombra de dúvidas, o Brasil é um país com uma associação muito forte e clara com o futebol. Todas as evidências comprovam que é o futebol o esporte mais praticado, comentado, estudado e que recebe os maiores investimentos no país.

E, sendo assim, por existir uma relação tão íntima entre o Brasil e este esporte, muitos se preocuparam em debater e discutir tal ligação. A democratização oferecida pelo esporte, bem como a inclusão racial e social engendradas pela sua prática, o seu uso político para o desenvolvimento econômico e para uma diplomacia com outros países são uns dos diversos pontos estudados pela academia para tentar entender e explicar a relação tão íntima que o brasileiro tem com a bola nos pés.

Dentre essa diversidade de temas que englobam a relação futebol-Brasil, um dos temas tratados é o nacionalismo, o fato do brasileiro se sentir mais brasileiro através do futebol. E nessa linha também diversos estudos foram feitos, demonstrando como o futebol e a lealdade à nação estão densamente relacionados.

O que não ocorre, porém, e é por isso objetivo desse estudo, é uma demonstração de como o futebol tornou-se elemento fundamental para a construção de uma identidade nacional no país. E percebem a diferença ao se falar elemento construtor, porque aqui reside exatamente a ousadia do estudo: não é o futebol um símbolo importante que intensifica uma relação de identidade já existente entre o povo brasileiro e a nação brasileira, é o próprio futebol o responsável por existir essa intimidade e identificação.

Mas, de que maneira poderia o futebol ter construído um sentimento de identidade? O sentimento de identidade nacional pode ser construído, ou ele é inato? Apenas no Brasil o futebol age dessa forma tão profunda?

São perguntas como essas que serão respondidas ao longo do estudo, lembrando sempre que o tema nacionalismo, por si só, já está imerso em nebulosas discussões dentro dos estudiosos do assunto.¹

Nesses termos, esse estudo pretende demonstrar como o futebol pode ter agido para a construção de uma identidade nacional e deixado de ser apenas um esporte ou um símbolo para ser reflexo da própria nação.²

¹ NASCIMENTO, 2003, p.33

² O fato de considerar o futebol apenas como símbolo é usual na maior parte da literatura bibliográfica desse estudo.

Para isso, vai ser utilizado o conceito de ressentimento cunhado por Liah Greenfeld para justificar a existência de nacionalismos em locais fora do seu nicho original: a Inglaterra e a França do séc XVII.

Valendo-se, então, do conceito de ressentimento, demonstrar-se-á como a derrota do Brasil na copa do mundo de 1950 desmoralizou os brasileiros perante eles mesmos e como o tricampeonato funcionou de redenção para tal sentimento num movimento que permitiu ao brasileiro criar uma identificação muito forte com um país que, na bola, conseguiu superar diversos problemas nos quais estavam imersos a população, o governo e o próprio estado brasileiro.³

Dessa forma, no intervalo que vai da copa de 50 até a conquista em 1970 do tricampeonato mundial, o estudo pretende expor como o futebol ultrapassou a barreira do esporte, superou as limitações das esferas públicas e privadas e tornou-se um símbolo⁴ do Brasil perante os brasileiros e o mundo.

Para que tal defesa seja possível, o estudo está estruturado em 3 capítulos, sendo o primeiro responsável por oferecer ao leitor uma básica apresentação sobre o conceito nacionalismo e os demais conceitos relacionados a este, de forma a apresentar a teoria de Liah Greenfeld sobre o nacionalismo ressentido, aspecto que baseia toda a aplicação que o trabalho pretende fazer no Brasil com o futebol.

O segundo capítulo elucida a vinda do futebol para o Brasil, a forma como este se popularizou e se disseminou como prática esportiva em todo o território e também como se tornou uma paixão nacional.

Por fim, o terceiro e último capítulo faz a associação entre o ressentimento e o caso brasileiro, de forma a demonstrar em quais aspectos o futebol agiu para a criação de um nacionalismo e porque ele se diferencia de outros símbolos, como a feijoada, o samba e o candomblé. É neste capítulo que se compreenderá porque o futebol, sendo elemento autóctone e próprio do Brasil não poderia encontrar outro cenário para se valer como fonte de identidade nacional.

Ao final, serão apresentadas algumas conclusões que possibilitam e convidam a novos estudos mais aperfeiçoados nesse mesmo sentido, visto a modéstia da pesquisa que fora baseada apenas em estudos bibliográficos e fontes jornalísticas, tanto de primeiro quanto de segundo grau.

³ DA MATTA, 2006, p.22

⁴ Mesmo que, para efeitos desse trabalho, compreenda-se o futebol como muito mais que um símbolo, ele não o deixa de ser.

Vale destacar que, considerando o espaço temporal delimitado, distante do atual, o uso de fontes de natureza bibliográfica se mostrou o mais adequado para o teste da hipótese de que o futebol é mais do que um esporte ou um símbolo do Brasil sendo também a própria nação, conforme passa a se expor.

1) Uma ideia sobre identidade nacional

Discorrer sobre um sentimento de identidade nacional que envolve os cidadãos brasileiros quando se fala de futebol e, mais especificamente, quando se trata de Copa do mundo, envolve uma dimensão mais profunda de compreensão do Brasil como nação. Todavia, o conceito advindo de nação não aparece tão claramente definido na academia e por isso necessita de uma explanação teórica mais detalhada, a fim de que se possa avaliar mais intimamente o caso brasileiro.

O esforço de compreensão e análise de identidades nacionais em todo o mundo e em densos níveis justifica-se pela grande influência política que o nacionalismo vem exercendo sobre as sociedades modernas⁵. Desde o momento em que o poder outrora concentrado nas dinastias foi substituído por uma força popular soberana, mais ampla e mais plural, observou-se que o mundo passou a ser regido por novos laços de solidariedade e identidade que determinavam a nova organização política dentro de cada grupo.⁶

De fato, esse novo espectro, conhecido como nação, não é até hoje globalmente definido. Não se sabe ao certo se ela sempre existiu, mas não estava claramente delineada, ou se foi uma construção moderna, cunhada nos moldes das revoluções que ocorriam na Europa do século XVIII. A academia ainda diverge sobre o caráter democrático ou autoritário das nações e não compreende totalmente os aspectos cívicos e étnicos presentes nos diferentes tipos de nacionalismos encontrados no mundo.

É por essa imensa confusão intelectual que o estudo sobre nacionalismo está imerso que este capítulo visa nortear alguns pontos que serão utilizados nesta pesquisa. Sendo assim, na primeira parte, serão apresentados aspectos gerais dos estudos sobre nacionalismo. A segunda parte, por sua vez, prestará a ideia de nacionalismo como ressentimento, nos moldes da socióloga Liah Greenfeld, na medida em que esta percepção guiará as análises feitas nesse trabalho sobre o nacionalismo no Brasil.

⁵ NASCIMENTO, 2003, p.33.

⁶ GREENFELD, Liah. Nacionalismo: Cinco Caminhos para a Modernidade. Publicações Europa-América.

1.1 Percepções gerais sobre nacionalismo

Um grande entrave na conceituação sobre nação é uma confusão constante que se faz entre os conceitos de nação e Estado. De fato, tal problema não soaria tão grave se em cada Estado existisse apenas uma nação e todas as nações tivessem um Estado correspondente. Todavia, o que se observa no mundo hoje são países que abrigam várias nações e até mesmo nações espalhadas em diversas pátrias.⁷

O início dessa confusão conceitual pode ser explicado pela linguagem que fora empregada ao redor do mundo para se tentar conceituar nação. Ernest Gellner, importante estudioso do tema, por exemplo, equipara os dois conceitos ao dizer que o nacionalismo é *o princípio político que advoga a congruência entre Estado e Nação*.⁸

De fato, a definição de Gellner faz sentido na medida em que a busca por um Estado foi reivindicação de muitas nações ao longo da história. Mas, como observado por muitos autores *a definição de Gellner deixa de fora outras manifestações de nacionalismo, como a dos flamengos, escoceses, catalães, bascos e outros, que não buscam necessariamente um Estado independente*.⁹

Mas não só em Gellner observa-se o uso sinônimo dos conceitos de Estado e nação. A Revolução Francesa influenciou muitos pensadores e estudiosos sobre o tema, pois elevou a nação a certo ponto de colocar o povo como fonte de todo o poder político, ou seja, vinculou o Estado necessariamente à nação.¹⁰

No entanto, à medida que a ideia de nação se transportou do seio da Europa para o restante do mundo, a associação entre Estado e nação não se faz mais tão óbvia. Diante da imensidade de tribos e etnias presentes em diversos territórios do Terceiro Mundo, por exemplo, a vinculação natural da soberania de um povo ao poder político estatal não fazia mais tanto sentido.

Sendo assim, as nações precisariam de algo diferente de um Estado para identificá-las e torná-las tangíveis. E foi assim que (mesmo com a

⁷ NASCIMENTO, 2003, p.35.

⁸ GELLNER, 1983, p.1

⁹ NASCIMENTO, 2003, p.33

¹⁰ Ibidem 9

compreensão de muitos estudiosos, como Eric Hobsbawm, Benedict Anderson e Liah Greenfeld de que as nações eram construções humanas e essencialmente modernas) passou-se a associar a existência das nações a elementos pré-modernos, cuja existência é anterior à constituição dos Estados-nações. Logo, existiriam elementos primordiais que ajudaram no desenho do sentimento nacional, como idiomas, religiões, tribos e raças.¹¹

Ocorre, porém, que mesmo que o modelo europeu em sua integralidade não fizesse sentido fora do cenário vivido na Europa, a ideia de nação expandiu-se por todo o mundo, comprovando que não existem características únicas, necessárias e essenciais para a existência de uma nação, mas uma %auto-consciência+ de uma essência comum e única de um povo. Inclusive, seria exatamente esta auto-percepção que diferenciaria uma etnia de uma nação, sendo aquela percebida como um grupo por pessoas fora dele e já esta sendo sentida e vivida como um grupo soberano pelos seus próprios membros.¹²

Os debates sobre nação não acabam em sua constituição, mas também em sua forma de expressão. O nacionalismo, ou seja, o sentimento de lealdade à nação pertencente desenhou-se no mundo sobre diversas formas. Liah Greenfeld, por exemplo, observou os tipos de nacionalismo e os dividiu em dois tipos, sendo um cívico e outro étnico.

O nacionalismo cívico se caracterizaria pela construção de uma cidadania, independente de raça, língua, etnia e até mesmo local de origem. Hobsbawm defende que nesta concepção de nação o que importa é a adesão aos princípios políticos da soberania popular¹³. No caso do nacionalismo étnico, os componentes indígenas primordiais seriam as raízes sob as quais estaria fundada a nação.

Greenfeld afirma que o nacionalismo cívico ampliou os critérios de dignidade humana e por isso tornou-se inclusivo e democrático, mas os nacionalismos étnicos tiveram origens ressentidas e por isso se desenvolveram com tendências xenófobas e autoritárias. Mais adiante, ainda neste capítulo,

¹¹ NASCIMENTO, 2003, p.38.

¹² NASCIMENTO, 2003, p.39.

¹³ HOBBSAWM, 1990, cap. 1

serão elucidados os estudos de Greenfeld, base para a pesquisa que este trabalho pretende efetuar no Brasil, o que facilitará a compreensão dessas divisões sobre caráter do nacionalismo.

O que se pode dizer de antemão, é que ao longo da história não se encontrou nenhum nacionalismo puramente cívico ou completamente étnico. Pelo contrário, no decorrer do tempo, as identidades nacionais assumiram caráter cívico e logo em seguida étnico e até mesmo fundiram os dois. Nascimento, inclusive, apoiado em estudos de caso históricos, diz que *“a dicotomia entre nacionalismo étnico e cívico é reducionista, e que sociedades baseadas puramente em um dos dois critérios simplesmente não existem”*¹⁴

Como o estudo das nações invariavelmente encontrou-se imerso em dilemas sobre primordialismo e modernidade, aspectos étnicos ou cívicos, congruência entre estado e nação e outros é complicado avaliar uma nação (no caso desse estudo, a brasileira) de forma que contemple tudo aquilo que é dito na academia. Como este trabalho se propôs a valer-se da ideia de ressentimento como elemento fundador de identidades nacionais, faz-se importante conhecer a teoria de Liah Greenfeld sobre o assunto, a fim de que, ao avaliar o Brasil, se possa compreender até que ponto essa teoria faz sentido no caso brasileiro em relação ao futebol e em que pontos ela se mostra falha.

1.2 O ressentimento na construção de Identidades Nacionais

Liah Greenfeld dedicou parte de seus estudos à compreensão das nações, de forma que pudesse elucidar como os nacionalismos tornaram-se tão importantes na modernidade. Para ela, o que especifica o nacionalismo e o diferencia das demais formas de identificação é o fato de que a fonte da identidade individual está no interior de um povo que é soberano. Ou seja, o indivíduo se realiza dentro de um grupo o qual pertence e identifica-se como manancial da soberania deste conjunto.

A única condição para existência do nacionalismo seria, então, a ideia de nação e esta por sua vez não estaria ligada a nenhum fator de forma inevitável. Mesmo que características como língua ou tradição ou território ou história ou raça estejam presentes, via de regra, nos diversos tipos de

¹⁴ NASCIMENTO, 2003, p.45

nacionalismos presentes no mundo, não são eles que a delineiam.

Sendo assim, Greenfeld faz uma varredura histórica a fim de compreender quais sentidos o vocábulo *nação* já adquiriu no planeta e então tentar decifrar qual o seu sentido na era moderna e nas demais épocas por ela influenciadas.

Durante o Império Romano observa-se o primeiro uso da palavra. Os romanos usavam o termo *natio*, que em sua expressão literal significa *qualquer coisa nascida*, para designar o grupo de estrangeiros, considerados inferiores e que não faziam parte do Império. Mais tarde, já na era medieval, a palavra passou a ser utilizada nas universidades para definir comunidades de estudantes segundo o seu local de origem. No início, tal definição parecia em nada diferenciar-se do uso em Roma, tendo pouco impacto sobre a autoimagem do indivíduo. Todavia, com o tempo, esses grupos universitários passaram a significar mais que uma nomenclatura, mas também grupos de interesses em comum, que findavam com o término da universidade.

Os Concílios da Igreja representaram mais um ponto marcante na redefinição da ideia de nação. Cada representante de uma autoridade cultural e política que participava desses congressos sacros passou a representar uma nação. Em outras palavras, ser membro de uma nação era ser elite, fazer parte de um estatuto elevado de um grupo político.

Ocorre, contudo, que em algum momento da história, o conceito de nação igualou-se a de povo portador de soberania. Nesse aspecto, não se compreende mais povo como plebe, nem simplesmente como população, mas como algo muito maior, como um grupo em que todos, independente da situação, querem fazer parte.

A identidade nacional, no seu sentido distintivo moderno é, portanto, uma identidade que deriva do fato de se fazer parte de um povo cuja característica fundamental é ser definido como nação. Cada membro do povo assim interpretado partilha da sua qualidade superior de *elite*, e é em consequência disso que uma população nacional estratificada é vista como essencialmente homogênea, e as linhas de estatuto e de classe como superficiais.¹⁵

Para Greenfeld, esse momento crucial de mudança na compreensão da

¹⁵ GREENFELD, 1998, p.17

ideia de nação, de elite para povo, ocorreu pela primeira vez na Inglaterra durante o século XVIII e por isso, mesmo que avalie o uso do vocábulo nação em eventos anteriores à modernidade, compreende e analisa o nacionalismo como construção moderna que não deriva da qualidade dos membros, mas de uma organização que os torna um grupo único e com significado especial.

A autora também afirma que o que acarreta a modificação na compreensão da soberania do povo e reforça a ideia de nação, provocando uma substituição gradual de outros tipos de identidade pela identidade nacional, varia de caso para caso.

Por isso, mesmo que a ideia desenvolvida na Inglaterra compreendesse o nacionalismo como uma ideologia política livre de associações particulares, a intensa divisão em comunidades na qual se encontrava o mundo levou as identidades nacionais a serem confundidas com a ideia de singularidade, e o nacionalismo concebido como soberania passou a significar particularismo.¹⁶

É a partir dessa construção que Greenfeld concebe dois tipos diferentes de soberania de um povo ao redor do mundo. A primeira seria uma soberania observável, sempre cívica, na qual a fonte de todo poder parte de cada indivíduo, conforme as construções iniciais do seio da Europa. A segunda, por sua vez, é denominada soberania teórica que diz respeito à singularidade de um povo e, por assim ser, torna-se coletivista e na maioria das vezes étnica.¹⁷

O que ela quer dizer é que no processo de expansão da ideia de nação pelo mundo, a construção inicial feita na Inglaterra não se ajustava perfeitamente em todas as comunidades e estas tiveram que fazer suas adaptações. Percebe-se, portanto, que o desenvolvimento de identidades nacionais foi um processo que envolveu todo o globo e que não fazia sentido se não fosse observado aquilo que ocorria fora de sua própria nação.

*As ideias subjacentes de nacionalidade foram enformadas e modificadas de acordo com os constrangimentos situacionais dos atores e com as aspirações, frustrações e interesses que esses constrangimentos geravam.*¹⁸

¹⁶ GREENFELD, 1998, p.20

¹⁷ GREENFELD, 1998.

¹⁸ GREENFELD, 1998, p.25

Durante esse processo de difusão, uma sociedade importava essa construção moderna de nação e passava a tentar reproduzi-la em seu próprio ambiente através da imitação dos modelos externos. No entanto, não conseguindo repetir o modelo considerado superior, as sociedades reagiam na forma de ressentimento.

%Ressentimento refere-se a um estado psicológico resultante de sentimentos suprimidos de inveja e ódio (inveja existencial) e à impossibilidade de satisfazer esses sentimentos.+¹⁹

Ou seja, no processo de construção de sua nacionalidade, as sociedades passavam por dois momentos fundamentais da construção do ressentimento: a comparação com uma outra realidade e a percepção da desigualdade entre as duas esferas.

Valendo-se desse ressentimento, essas sociedades puderam construir suas nações. Não que o ressentimento gere nacionalismos por si só, mas ele proporciona um poder criativo conhecido como transavaliação dos valores que significa a transformação da escala de importância, inferiorizando os valores do modelo importado e elevando características próprias, antes não consideradas nos modelos.²⁰

Através dessa lógica, a autora distingue analiticamente três fases na construção dos nacionalismos: estrutural, cultural e psicológica. A primeira seria uma crise de identidade, de forma que a identificação vigente nos grupos torna-se inadequada e precisa ser substituída por uma nova. A segunda seria a busca por construir uma cultura em comum, algo que identifique o grupo como único. A terceira fase seria aquela na qual tais elementos seriam incorporados pelos membros de maneira que esses se identifiquem com a nação. É justamente na fase psicológica que o ressentimento age e o poder da transavaliação se mostra mais eficaz.

A proposta desse trabalho é demonstrar como o futebol foi a saída que o brasileiro encontrou para se destacar no cenário internacional. Como a formação da própria identidade nacional depende dos demais modelos, é necessário uma afirmação externa. Além disso, pretende-se mostrar como o futebol reforça a ideia de formação de um nacionalismo ressentido,

¹⁹ GREENFELD, 1998, p.25.

²⁰ Ibidem

demonstrando como o esporte ajudou na adoção de elementos autóctones como os valores necessários para a formação da nação, em contraposição àquilo que fora importado. Por fim, será possível compreender como o futebol ajudou na unidade e na construção de um significado especial para o povo brasileiro.

2) As raízes do futebol

O futebol nem sempre foi a imagem do Brasil. A verdade é que a invenção do futebol, ocorrida na Inglaterra, sucede em muito a ideia de nação brasileira. Mesmo que sem uma identidade forte, desde a independência, em 1822, o brasileiro reconhecia-se como pertencente a um país diferente, que continha um território próprio, ou seja, um espaço no mundo que não era mais uma simples colônia portuguesa, mas um local com significação única.

É claro que para a criação de uma nação é necessário bem mais que um território, um idioma, símbolos nacionais, como um hino e uma bandeira. E é exatamente na lacuna entre o sentimento que a independência possibilitou e o nacionalismo conhecido na Europa que o futebol exerceu o seu papel.

Para compreender, então, como o um esporte criado pela elite inglesa foi incorporado pelos brasileiros como fonte de identidade nacional, fortalecendo a ideia de pertencimento ao Brasil, é importante compreender as raízes do futebol e como este se perpetuou na história da terra canarina.

Pode-se dizer que o futebol é fruto da assimilação, transformação e ajustamento das disputas populares que ocorriam na Inglaterra vitoriana do século XIX. Os antigos jogos semi-rituais foram se combinando cada vez mais com as formas esportivas praticadas pela nobreza vitoriana, como a caça, a equitação e o críquete, de forma que se criaram vários novos jogos, nos quais existia um equilíbrio entre o contato brutal dos corpos, característica tradicional dos divertimentos populares e a falta total dele como era observado nos lares dos nobres. Mesmo com a busca por esse equilíbrio, essas novas formas ainda sofriam a ojeriza da aristocracia que desdenhava do contato físico e do toque direto na bola.²¹

Foi responsabilidade, portanto, da alta burguesia inglesa disseminar o novo esporte pelos colleges, nos quais também a nobreza, antes resistente, apadrinhou o futebol. Dessa forma, espalhado pelos colégios de toda a Inglaterra o jogo caracterizou-se como tipicamente juvenil tanto da burguesia como, também, da aristocracia inglesa.²²

²¹ WISNIK, 2008, pp. 88-89

²² Ibidem

Por decreto da rainha Vitória, o futebol passou a ser atividade obrigatória nos recreios escolares desde 1940 como uma forma de impedir que os jovens burgueses contaminassem os nobres herdeiros com seus ideais revolucionários. Ou seja, o esporte passou a ser instrumento do governo inglês para alienação da população.²³

É claro que bem antes da implementação obrigatória nas escolas, o futebol já havia avançado em muito do protótipo criado por volta da metade do século XIX. Em 1863, já havia sido desenvolvida a primeira versão de suas regras que foram finalizadas em 1877.²⁴ A arbitragem fora acrescida apenas em 1881.²⁵

A prática nas escolas proporcionou a expansão do esporte pelo planeta. A Inglaterra era a principal nação do mundo, sua produção industrial era infinitamente superior a dos demais países. Era comum, portanto, os filhos da elite de outros estados, principalmente os de terceiro mundo, enviarem seus filhos para fazerem seus estudos na principal potência do globo. Com o Brasil não foi diferente.

Ao serem enviados para se formarem na Inglaterra, os jovens brasileiros puderam conhecer bem mais que os estudos europeus, mas também o tradicional futebol praticado nos intervalos das escolas. Foi dessa forma, portanto, que jovens conheceram a prática e puderam-na trazer para o Brasil.

Não se sabe ao certo quando algum evento relacionado ao futebol ocorreu pela primeira vez no Brasil. Na historiografia sobre o assunto aparecem alguns vestígios de holandeses jogando em Recife já em 1870, casos de ingleses praticando nas praias cariocas durante o ano de 1874, marinheiros da Criméia se divertindo com a bola nos pés em 1878 próximos à residência da princesa Isabel e muitos outros casos que não foram documentados. Ocorre, porém, que nenhum desses eventos teve a intenção de fato de registrar a vinda do esporte para o país como ocorreu com o caso do jovem Charles Miller.²⁶

Miller era um paulistano, filho de ingleses, que fora enviado a

²³ MÁXIMO, 1999, p.180.

²⁴ WISNIK, 2008, p.90.

²⁵ WISNIK, 2008, p.104

²⁶ MÁXIMO, 1999.

Southampton para fazer seus estudos na Banister Court School. Ao retornar ao Brasil, providenciou, em 14/04/1895, o primeiro 'match' em terras brasileiras que fora devidamente documentado.

Por ter a intenção de organizar uma partida de fato e documentar o evento, os historiadores elegem o ano de 1895, a partir do evento organizado por Charles Miller, como o ano de nascimento do futebol no Brasil.

A partida ocorrera entre as ruas de Santa Rosa e do Gasômetro na cidade de São Paulo e foi naturalmente disputada entre jovens da alta classe média paulistana. O futebol permaneceria como esporte da elite durante muitos anos. Em 1895, o Brasil ainda era bastante aristocrata, a independência havia ocorrido a menos de 8 décadas, a República havia sido proclamada menos de 6 décadas atrás e a abolição da escravatura datava de menos de 7 décadas.

O esporte se disseminou rapidamente. Foram surgindo várias agremiações em todo o país, nomes como o de Charles Miller em São Paulo e Oscar Cox no Rio de Janeiro foram os principais responsáveis pela criação de diversos clubes de futebol no Brasil que tinham, todos, um ponto em comum: *eram brinquedo de menino rico.*²⁷

Até o final do século XIX, o esporte da bola nos pés permaneceu como característica e prática de um grupo socialmente bem situado no país. A classe mais humilde da população não teve contato com o futebol até então. Mesmo que um ou outro pobre, ou negro, conseguisse algum tipo de evidência ao se envolver com a prática, rapidamente era feita grande ojeriza e o esporte voltava a seu status original de arte da elite.²⁸

O presidente Epitácio Pessoa, por exemplo, recomendou aos envolvidos com o esporte, em 1921, que não fossem incluídos nem negros nem mulatos na seleção brasileira que concorreria ao título do Campeonato sul-americano de futebol em Buenos Aires.²⁹

Mesmo com atitudes como essa, o futebol oferecia um cenário de democracia que nem mesmo a tirania da elite era capaz de obscurecer. Todo o povo brasileiro, seja ele torcida ou jogador encontrou por meio do esporte uma

²⁷ Ibidem 26

²⁸ MÁXIMO, 199, p.182.

²⁹ MÁXIMO, 199, p.183

forma de se integrar.

E é claro que o esporte não se tornou paixão instantaneamente, mas desde que a seleção brasileira de futebol havia conquistado o título do sul-americano em 1919 o povo todo se sentiu vitorioso, pois o Brasil mostrou a quem quisesse ver que era superior em algo. Então a paixão só crescia.³⁰

A identificação ia aumentando e juntamente a repressão que a elite tinha com a prática de negros e pobres. Em 1933, por obra de clubes tradicionais de futebol no Brasil, fora implantado o profissionalismo do esporte.

Como a eficiência e qualidade dos negros era inegável e times que os incorporavam levavam vantagem sobre os mais conservadores, a ideia era que negros pudessem incorporar todos os times de futebol sem precisarem fazer parte do quadro de sócios-atletas dos clubes e assim manchar o registro social da instituição.

Mesmo com uma origem preconceituosa, a profissionalização foi a grande responsável por possibilitar o aparecimento de grandes craques do futebol nos campos do país e do mundo.

Quando em 1938, o Brasil conquistou um terceiro lugar na copa do Mundo de futebol o brasileiro encheu os olhos. Estava ali o escape de todos os problemas. O futebol virou *uma espécie de termômetro: era isso que iria dizer se éramos ou não uma grande nação.*³¹

A profissionalização aliada à grande popularidade que o esporte tinha, devido ao fato de oferecer a todos o mesmo divertimento e a mesma chance de vitória independente de quem fosse, fez com que o futebol se espalhasse ainda mais pelo país, tanto em prática quanto em torcida.

A identificação chegou a tal ponto que o brasileiro quis receber uma copa do mundo em seu território. E era um momento de coroar todas as graças que o futebol dava ao Brasil.

Foi construído o maior estádio do mundo, o estádio que era do tamanho da glória que o brasileiro merecia quando colocava a bola nos pés. Mas aconteceu então o pior. E em 1950 o Brasil não saiu apenas perdedor da Copa do mundo, mas o brasileiro, que durante anos foi se apropriando do esporte, se

³⁰ MÁXIMO, 1999, p.184.

³¹ MÁXIMO, 199, p.186.

sentiu um perdedor.

E como apenas o soro feito do veneno da cobra pode curar uma mordida desse animal, só o futebol conseguiria sanar a grande ferida aberta pela derrota em 50. E o brasileiro, mesmo desacreditado com tudo e todos, inclusive com o futebol, que era seu maior apoio, encontraram a redenção com a conquista do tricampeonato em 1970.

E é importante destacar que foi necessária a conquista dos 3 títulos para o brasileiro voltar a confiar totalmente no futebol. Não que essa confiança signifique que em todas as copas o brasileiro se veja como o campeão, mas que o brasileiro saiba que naquele esporte todos estão com os olhos voltados para o Brasil e o admiram.

A coroação que ocorreu com a taça Jules Rimet incentivou ainda mais a prática do esporte no país. A torcida pelos clubes nacionais faz parte do cotidiano de qualquer brasileiro, até mesmo daqueles que não torcem por nenhum. O futebol se externalizou, globalizou e cresceu além das fronteiras dos países. Virou negócio, política, religião. Mas continuou sendo a paixão de um povo que encontrou num esporte a grande chance para se redimir.

3) Futebol, ressentimento e nacionalismo.

Tendo em vista as noções de nacionalismo e de como o futebol chegou ao Brasil e se tornou uma característica da nação, pode-se fazer um exercício de como o esporte deixou de ser mera parte do país para ser o próprio país.

Assim como o idioma ou território, o futebol não é uma relação que por si só define e causa o nacionalismo. Mas é tarefa desse estudo mostrar como essa relação é construída através da ideia de ressentimento.

Aliás, é a ideia de ressentimento que eleva o futebol a ter uma importância maior que outros símbolos nacionais. Enquanto o samba, a feijoada e o candomblé aparecem como características do país, o futebol enseja no brasileiro um orgulho por estes símbolos. Enquanto o brasileiro come a feijoada, dança o samba e pratica o candomblé, *"o escrete é o Brasil; é a pátria dando botinadas."*³²

Indo além do romantismo que a expressão de Nelson Rodrigues exala, é possível perceber, mundialmente e historicamente, como os esportes têm sido uma maneira privilegiada de criar e expressar sentimentos coletivos. E no processo de expansão da ideia de nação pelo mundo, como já explicitado no capítulo 1, a construção de uma soberania teórica, que possibilita delinear a singularidade de um povo, perpassa pela construção de uma ideia coletivista. Em suma, o futebol possibilitou a criação de um sentimento único partilhado pelo universo de um povo. Eagleton também corrobora com esse pensamento ao afirmar que o futebol é uma *"forma específica de cultura que possui um significado político extraordinário"*.³³

O que vai diferenciar o nacionalismo perante outros tipos de identidade é o fato de um indivíduo identificar-se no interior de um povo. Afinal de contas, não é possível haver nacionalismo sem uma nação. Ou seja, primeiramente o esporte, no caso o futebol, age na formação da nação e, posteriormente, quase que concomitantemente, na identificação com ela.

É claro que um sentimento coletivo não é a chave para a construção da nação. Grupos religiosos, por exemplo, apresentam um sentimento que os une,

³² RODRIGUES, 2012, p.13.

³³ Balzac encontra Beckham

mas nem por isso se identificam como nações. A diferença básica nesse caso e entre outras associações coletivas e o nacionalismo, é que o princípio organizativo que confere aos elementos uma unidade e lhes concede um significado especial não se pauta na característica dos membros. Enquanto em um grupo religioso todos os membros se caracterizam por professar a mesma fé, numa nação não existe uma associação tão clara.

Não existindo, portanto, um princípio organizativo definido previamente na formação das nações, estas vão se valendo de diversos elementos que os confirmam unidade e significado especial. E é exatamente nesse ponto que o ressentimento, tal como descrito por Liah Greenfeld, é observado.

Como o desenvolvimento das identidades nacionais foi um evento internacional, ou seja, um modelo exportado de um local para o outro, com início na Europa, conforme histórico já apresentado, as fontes da construção do nacionalismo se situaram sempre fora da nação.

Ora, ao se importar um modelo de identidade, no caso aquele associado à nação, adquiria-se junto a maneira como promovê-lo. Acontece que qualquer identidade advém de uma visão que o ator tem de si mesmo e não uma percepção externa. E como a identidade é exatamente a auto-percepção, quando esta não é possível e o povo não se identifica com o modelo importado não é possível processá-lo a ponto de fomentar um nacionalismo e cria-se, portanto, uma necessidade de reinventar aquilo que é preciso para se ter um sentimento de fidelidade a uma nação.

Nesse movimento, a sociedade importadora não consegue cumprir o plano do objeto de imitação, o que gera um constrangimento advindo da incapacidade de recriar o modelo almejado. O estado psicológico resultante da impossibilidade de satisfazer as condições do objeto de imitação gera o ressentimento.

A impossibilidade de recriar o mesmo modelo de nação conhecido na Europa foi também um problema para o Brasil. Quando ocorre a Independência em 1822 há a fundação de um país livre, mas a população do território brasileiro permanecia sem vínculos de fidelidade à nação brasileira.

Estavam estabelecidos os critérios para o estado psicológico de ressentimento. Ao se comparar com outras nações, o brasileiro percebia a clara desigualdade existente entre os elementos de identificação com a nação

que eram utilizados por ingleses, franceses e americanos e o cenário do Brasil. Havia uma incompatibilidade.

É na percepção da desigualdade entre o modelo que é imitado e a realidade vivida que o ressentimento atua, proporcionando a transvaloração dos valores, em outras palavras, a transformação da escala de valores, de forma que os elementos de identificação utilizados por outras nações sejam subestimados perante os elementos autóctes.

Por exemplo, vinha do ambiente externo a importância do uso das mãos para o trabalho, a necessidade de um movimento previsível gerada pelas esteiras de produção e a seriedade nas táticas de atuação no mercado, mas o brasileiro, desacostumado com esta realidade, precisava inverter tal situação. No Brasil, o que valia era o desempenho habilidoso e imprevisível do corpo, a brincadeira incerta das pernas e a técnica que suprimia qualquer falta de organização.

Era necessário, portanto, valer-se de elementos autóctes que valorizassem a cultura do brasileiro de forma a exercer externamente a afirmação da brasilidade formada internamente no país.

E foi o futebol o elemento preciso para ativar o poder criativo do ressentimento. É importante, nesse ponto, compreender que mesmo o futebol não tendo origem no Brasil, desde a década de 1930, gestou-se uma apropriação do esporte de forma a 'etnicizá-lo'. Sendo então já essencialmente um elemento local, no qual o brasileiro se percebia, o futebol iniciou um processo de unificação do país, não territorialmente, mas no sentido de identificação com a nação.

O dramaturgo Nelson Rodrigues captou como poucos o poder do futebol como elemento de unidade. Ao observar o escrete, Rodrigues contemplou como este implicava a todos e a cada um dos brasileiros.³⁴ A disputa com a bola nos pés, que iniciou oficialmente no Brasil com Miller, se espalhou rapidamente pelo país de forma que era comum a qualquer brasileiro um envolvimento íntimo com o futebol, seja na prática ou na torcida pela seleção brasileira de futebol.

Roberto da Matta destaca, inclusive, o poder que a torcida tinha de

³⁴ RODRIGUES, 2012, p.22.

identificar o brasileiro com o Brasil. Ao torcer, o brasileiro não era mais pobre ou rico, do interior ou do litoral, era apoiador de uma seleção, ou melhor, era parte do país do futebol.

"torcendo pelo Brasil, finalmente juntamos o Brasil, uma país que tem bandeira, hino e um lado oficial, com o Brasil sociedade, que, apesar de suas imensas desigualdades, tem uma inesgotável alegria de viver."³⁵

Além desta introdução, este capítulo está dividido em outras duas partes. A primeira tentará demonstrar como o futebol, mais especificamente representado pela seleção brasileira nas copas do mundo de 50, 58, 62 e 70, operacionalizou o ressentimento permitindo a criação de um sentimento nacional. A segunda delineará como a força criadora do ressentimento levou o Brasil a um patamar de afirmação como nação perante o restante do mundo, ponto primordial no desenvolvimento do nacionalismo, visto que esse é sempre relacional, na visão de Greenfeld, cuja teoria baseia este estudo.

3.1 As copas do mundo e o ressentimento

Estudos que referenciam o futebol como um grande símbolo do país são abundantes na academia e também no meio jornalístico. Pesquisas de como o futebol foi um artifício usado pelo governo para deixar a população alienada também são comuns, principalmente na época da ditadura militar no país. O que deseja esse estudo e, portanto, o que o diferencia da literatura corrente sobre o futebol e o Brasil, é comprovar como o esporte ativou o ressentimento nos brasileiros e sua capacidade criadora. Como o envolvimento do brasileiro com a bola nos pés é mais do que um sentimento, ou uma simbologia, mas uma causa significativa da existência de nacionalismo no país. Sendo assim, esse estudo comprovaria, ou pelo menos justificaria, o fato que o senso comum já destacou: o brasileiro sempre é Brasil durante as copas do mundo.

Para que seja possível se ressentir com algo é necessário a existência de um objeto de imitação, uma sociedade com um modelo considerado superior e que precisava ser imitado. Durante muito tempo, o Brasil se prendeu àquilo que Portugal oferecia, por motivos coloniais. Após a independência, a Inglaterra passou a exercer forte influência sobre o Brasil, assim como sobre

³⁵ DA MATTA, 2006, p.43.

todos os países do mundo. Esta influência, inclusive, trouxe o futebol para o país. Mas para o marco temporal delineado por este estudo, que inicia por volta dos anos de 1950, com a proximidade da primeira copa do mundo no Brasil, a situação já era outra.

O mundo deparava-se com a guerra fria. O Brasil, por ser um país localizado na América, recebia forte influência dos anseios capitalistas liderados pelos Estados Unidos. Não só na economia ou na política, os EUA buscavam influenciar os países do seu continente também no âmbito cultural. Tal influência explica o porquê do novo modelo de nacionalismo a ser imitado pelo mundo ser o estadunidense.

Vigorava no planeta a necessidade de se ser um país desenvolvido, com uma economia forte, índices altos de qualidade de vida, elevados padrões de educação e escolaridade. Ao se comparar com este modelo, o brasileiro vivia um verdadeiro tormento. As injustiças sociais, os baixos níveis de alfabetização, a economia ainda baseada no setor primário e a política nada democrática, era o cenário vivido pelo brasileiro.

Como recriar um modelo de nação advindo dos Estados Unidos e baseado na origem europeia se o Brasil estava tão longe de suprir necessidades básicas de sua população? Como seria possível criar um civismo em uma país com tantas fraudes e golpes que ignoravam a legislação? Como existir um sentimento de patriotismo e amor ao Brasil se não haviam grandes heróis para se orgulhar, se não havia no Brasil grandes guerras capazes de unir a população brasileira em torno de um objetivo comum?

A incapacidade de lidar com esses questionamentos e as frustrações geradas pela incompatibilidade da realidade vivida no Brasil e o necessário para ser uma grande nação, segundo os modelos externos, gerou no brasileiro, mesmo sem que ele percebesse, um estado psicológico de inveja e ódio por ser tão inferior em comparação as demais nações.

Desde que o futebol chegara ao Brasil até os meados da década de 40, já havia ocorrido uma grande apropriação do esporte por parte dos brasileiros. Com a incorporação dos negros ao futebol profissional, percebeu-se uma grande evolução do padrão de jogabilidade da seleção. Os brasileiros já haviam se envolvido tanto com o esporte que se esforçaram para sediar uma Copa do Mundo de futebol em seu próprio território. O avanço de qualidade da

seleção brasileira, o fato de jogarem em casa e contarem com o apoio de uma enorme massa de torcedores fez da copa do Mundo de 1950 um dos poucos momentos nos quais os brasileiros gostaram de ser brasileiros e desejavam a vitória como nunca.

Mais do que a vitória em um campeonato importante do esporte, a copa do mundo representava a chance do brasileiro se afirmar perante o restante do mundo e, talvez por isso, a dor de perder aquela copa tenha sido tão sentida. Os brasileiros não tinham nada para se orgulhar, o futebol era o último, quiçá o único, refúgio.

Por ser escasso de grandes símbolos nacionais, o brasileiro fez do futebol a sua grande guerra, o seu mais intenso romance e por isso a derrota em pleno Maracanã naquele 16 de julho de 1950 soou como a derrota de todo o povo brasileiro. Para Nelson Rodrigues, *"pior do que Canudos foi a vergonha épica de 1950."*³⁶

O esporte tinha tudo para ser a arma que tiraria o brasileiro do fundo do poço da inveja e do ódio para com sua incapacidade de ser um país desenvolvido conforme o modelo americano. Creditou-se ao futebol o poder criativo de inverter a escala de valores recebidos pelo mundo por algo que fosse muito mais importante, muito mais Brasil. Mas em 50, parecia que o futebol tinha falhado. Parecia, porque a derrota de 50 foi apenas um momento arquitetado, pelo que Nelson Rodrigues chamava de deuses do futebol, para afundar mais ainda os brasileiros e depois os reerguerem com tanto triunfo e glória, que o nacionalismo, o amor ao Brasil, à pátria, à nação, ao futebol estaria consumado além de derrotas, vitórias, conquistas e eventos temporais. Foi a derrota em 50 aliada ao ressurgimento proporcionado pela conquista do tricampeonato que fez do futebol o mais importante símbolo do país, pois o futebol agiu não só como um elemento autócne que valorizaria características próprias do brasileiro, mas também como um fato que ajudou a aumentar a desigualdade e frustração perante o objeto de imitação e ao mesmo tempo elevou o brasileiro a um patamar de afirmação perante o restante do mundo e o consagrou como um país, no qual, na bola, todos o louvam por sua capacidade

³⁶ RODRIGUES, 2012, p.14

e excelência.³⁷

Já era tanta a identificação do brasileiro com o futebol que Nelson Rodrigues em seus relatos jornalísticos dizia que a derrota em 50 representou não apenas o revés de onze sujeitos, mas o fracasso de todo o homem brasileiro.³⁸ A derrota na competição havia sido uma humilhação muito maior do que o subdesenvolvimento, afinal, representava uma inferioridade fatídica que perseguia o Brasil tanto como povo, como nação.³⁹

Todavia, mesmo com a derrota, ao contrário do que muitos acreditavam, o futebol não perdeu sua capacidade de envolver todos os brasileiros de uma forma única e especial. O revés tinha conseguido muito mais do que todos os esforços da literatura indianista do romantismo, tinha imprimido nos brasileiros uma experiência vital e romanesca que, se não engendrou nos brasileiros um orgulho por ser brasileiro, pelo menos gerou, em todos, uma vergonha por ser brasileiro.

O que é interessante no processo de criação do nacionalismo pela via do ressentimento é o fato de sempre haver um momento de unificação não pela via positiva, o estado psicológico de constrangimento e frustração que une todo o povo já é um primeiro passo para se unir uma nação. Assim como a derrota em uma guerra não significa o esfacelamento de uma nação, podendo pelo contrário a uni-la mais ainda, como ocorreu com a Alemanha pós Primeira Guerra, a derrota em 50 foi o primeiro passo para um nacionalismo forte.

Após a copa do Brasil, o brasileiro intensificou o sentimento de rejeição de si mesmo. Nelson Rodrigues apelidou esse fato de complexo de vira-latas. Não havia mais confiança em nenhuma habilidade do homem canarinho, em nenhum âmbito. O brasileiro era o verdadeiro abutre de si mesmo.⁴⁰

*Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol."*⁴¹

Mas o futebol iria se redimir. De fato, antes do tricampeonato, o

³⁷ DA MATTA, 2006, p.34.

³⁸ RODRIGUES, 2012, p.22.

³⁹ DA MATTA, 2006, pp.42-43.

⁴⁰ RODRIGUES, 2012, p.141.

⁴¹ RODRIGUES, 2012, p.26.

brasileiro considerava-se um humilhado, mas a *"ressurreição nacional data de 58."*⁴² O que aconteceu naquele ano dentro de um campo de futebol mudou até mesmo as relações domésticas no país. A partir do primeiro título mundial, o brasileiro começou a *"achar que sua tristeza era uma piada fracassada."*⁴³ Ninguém mais tinha vergonha de sua condição nacional, o povo do Brasil havia superado seu complexo de vira-lata e percebido naquele primeiro título mundial, não apenas a vitória do escrete que perdera em 50, mas a regeneração do homem genial do Brasil.⁴⁴

*"Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo."*⁴⁵ O reconhecer-se como brasileiro advém do fato que a conquista das três copas do mundo, premiada pela taça Jules Rimet, ativou o potencial criativo do ressarcimento. Até as vitórias, o brasileiro estava muito preocupado em se menosprezar, em se colocar em uma posição de inferioridade perante o mundo, mas depois delas, o Brasil ganhou uma *"potencialidade criadora de uma nação de Napoleões"*.⁴⁶

Gilberto Freyre percebeu que o desenvolvimento do futebol, principalmente nas copas do mundo, não como mais um esporte, mas como uma verdadeira instituição do Brasil possibilitou a sublimação de diversos elementos irracionais da formação social e cultural da nação brasileira.⁴⁷ Ou seja, o futebol estava fazendo o papel de transvalorar os valores advindos dos EUA e do capitalismo: não importava mais o subdesenvolvimento, o milagre do esporte estava justamente em fazer o povo esquecer das injustiças e perceber um Brasil que, na bola, é o melhor e mais justo.⁴⁸ O que vigia e valia no imaginário da nação brasileira não era mais a necessidade de uma demonstração de competência econômica, social ou política e sim o fato de que o futebol é uma glória exclusiva dos brasileiros, de que não existe um país

⁴² RODRIGUES, 2012, p.14.

⁴³ RODRIGUES, 2012, p.34.

⁴⁴ RODRIGUES, 2012, p.37.

⁴⁵ RODRIGUES, 2012, p.33.

⁴⁶ RODRIGUES, 2012, p.40.

⁴⁷ WISNIK, 2008, p.242.

⁴⁸ DA MATTA, 2006, p.96.

feito de 'raças inferiores', mas um Brasil que 'come a bola'.⁴⁹

*"Nesse sentido, o nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói."*⁵⁰

As vitórias nas copas do mundo fizeram o brasileiro ter orgulho de si mesmo. O Brasil ansiava pelas Copas como se elas fossem necessárias para reavivar e inflamar de novo o amor pelo Brasil, afinal de contas, a associação clara e direta entre a seleção brasileira de futebol e o povo brasileiro encontrou, nas Copas do mundo, seu momento de maior sentido. Durkheim já falava da necessidade de recriação periódica de um sentimento de identidade. Segundo o sociólogo, é fundamental dentro do nacionalismo um processo de invenção e reinvenção do sentimento de pertencimento comum e é exatamente isso que a copa proporcionava. Alex Bellos, um inglês que estudou o futebol no Brasil, percebeu isso claramente:

*"Os Britânicos dividem o século XX em blocos demarcados pelas guerras mundiais de 1914-18 e 1939-45. O Brasil mede sua história pelas copas do Mundo, já que é durante as Copas que mais se identifica como nação."*⁵¹

Em outras palavras, o que o tricampeonato proporcionou foi a reinvenção do Brasil, como se o país tivesse sido destruído completamente após a derrota de 50. Nesse novo país, ou melhor, nessa nação brasileira, não havia mais inveja ou ódio e sim a percepção de qualidades além do cenário de desenvolvimento. O futebol brasileiro, ao mesmo tempo em que era imprevisível, rápido e despretensioso, era também doce, educado e cavalheiresco, mais do que qualquer europeu conseguira ser, afinal isso só seria capaz de acontecer em um cenário de subdesenvolvimento. O brasileiro reinventava os valores, o desenvolvimento não era tão importante diante da simpatia e do acolhimento caloroso que a pobreza proporcionava.⁵²

"O triunfo na Suécia, em 58, foi para nós tão importante como a Primeira Missa. Começava o Brasil. Nós nos inaugurávamos. Tudo que ficara para trás era o pré-Brasil. E basta comparar. Até 58, o

⁴⁹ DA MATTA, 2006, p.22.

⁵⁰ DA MATTA, 2006, p.69.

⁵¹ Citado em Wisnik, p.175.

⁵² RODRIGUES, 2012, p.51.

*brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. [...] Outrora, o que matava o brasileiro era o subdesenvolvimento pessoal. Sim, cada um de nós era, individualmente, um falido da paixão, um falido da esperança. Depois de 58, o país continua subdesenvolvido, ao passo que cada brasileiro, pessoalmente, está investido de uma imensa potencialidade criadora."*⁵³

O que o título nas copas de 58, 62 e 70 proporcionou foi muito mais do que um orgulho de ser bom no futebol. A vitória fez o brasileiro identificar-se verdadeiramente no interior do povo e a partir desse sentimento ter a vontade de divulgar pro mundo essa alegria de ser pertencente à nação brasileira. Greenfeld destaca que assim como o nacionalismo surge de uma experiência ressentida com um modelo que vem de fora, também é necessário, após o processo de transvaloração, exportar o sentimento derivado da ênfase à tradição autóctone, buscando fora do país uma afirmação, uma aceitação de forma que outras nações a reconheçam. Não que a definição de nação perpassasse por uma identificação externa, isso ocorre com o conceito de etnia, mas a partir do momento que um povo se reconhece como nação, ele quer que todos assim o façam. E com o brasileiro não foi diferente.

⁵³ RODRIGUES, 2012, p.119-120

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fácil perceber como o Brasil é um país ligado ao futebol. Dentre todos os esportes, é este o com a maior prática entre os brasileiros. É também ele o mais assistido, tratado e comentado. Nesses termos, este estudo se propôs a avaliar o esporte que veio da Inglaterra, tornou-se símbolo e linguagem dos brasileiros, numa identificação tão forte a ponto do futebol ser visto por muitos como o próprio Brasil.

Como já visto nos capítulos anteriores, não é novidade em nenhuma área da academia o estudo dessa relação íntima entre o brasileiro e o futebol, tanto que são baseados nessas pesquisas mais antigas que este estudo pôde ser embasado. O que não havia sido feito ainda é um encaixe entre a teoria do ressentimento de Liah Greenfeld e o nacionalismo no Brasil sob a ótica do futebol, demonstrando em quais casos há concordância e, portanto, comprovando que o modelo pode ser aplicado também fora dos casos avaliados pela autora na Europa e em quais pontos é possível se fazer ressalvas.

De fato, o futebol foi, no mínimo, um mecanismo para superar o sentimento de inferioridade perante as necessidades exigidas pelos modelos externos. Seria em vão um sentimento de ressentimento se este não tivesse a contrapartida da transvaloração dos valores, até porque a situação estrutural do Brasil perante o restante do mundo, em especial os países desenvolvidos, liderados pelos EUA, não se altera com o nacionalismo. O que é modificado é a forma como os valores são considerados importantes para se ter um sentimento de identidade.

O futebol, elemento proposto por este estudo como fonte principal para alavancar um país em estado de renúncia de si mesmo, não extinguiu as hierarquias existentes no Brasil, mas as ultrapassou e tornou-as insignificantes dentro do espaço delimitado pelas quatro linhas. Da mesma forma, o esporte não acabou com as segmentações existentes na sociedade brasileira, mas fez com que esta, mesmo com todas as diferenças e desigualdades, atuasse de modo coordenado.⁵⁴

⁵⁴ DA MATTA, 2006, p.163.

Não que o futebol não seja também uma forma de alavancar o desenvolvimento, mas não foi num sentido econômico que ele se destacou durante o período que vai da copa de 50 até a conquista da Jules Rimet em 70. O que diferenciou o futebol em todo esse processo foi a transvaloração de valores, ou seja, o fato dele usar das características do próprio Brasil para ser tudo aquilo que o mundo sempre cobrou, sem deixar de Brasil. Nelson Rodrigues, em um eufórico escrito pós vitória na Suécia, expressou bem o sentimento de que o futebol tinha a força de criar tudo aquilo que o país não tinha vivido e conseguido em toda a sua história.

*"Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: - a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se o gato se escreve com 'x' iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: - analfabetos natos e hereditários devoraram vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo numa ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do 'lance a lance' da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil."*⁵⁵

Além do futebol fazer o papel de desmerecimento dos valores vindos de fora, ele legitima elementos tipicamente brasileiros como a malandragem e o jogo de cintura.⁵⁶ E o que seria o poder criativo do ressentimento senão "a transformação da escala de valores de forma que denigra os valores supremos originais" nas palavras da própria Liah Greenfeld.⁵⁷

Então, através da emergência de uma identidade nacional proveniente da identificação não mais com valores externos e sim com a tradição autóctone, o futebol ajudou o Brasil a construir uma soberania enquanto nação. E dentre os dois tipos de soberania descritos por Greenfeld (vide capítulo 1) percebe-se claramente que não é a soberania observável emanada de cada indivíduo que se fez valer no Brasil. E sim uma soberania teórica baseada na singularidade de um povo, um povo que era o Brasil quando estava junto pelo poder do

⁵⁵ RODRIGUES, 2012, p.33.

⁵⁶ DA MATTA, 2006, p.165.

⁵⁷ GREENFELD, 1998.

futebol, afinal eram 90 milhões em ação, toda uma coletividade que por ser a melhor, mais justa e mais eficiente no futebol era também uma nação soberana.

Mas diferentemente da maioria dos casos de ressentimento, no Brasil não se desenvolveu um nacionalismo étnico, até mesmo porque o país sempre foi mestiço e o futebol foi uma forma de democratizar o acesso a todos os grupos e raças, de forma muito mais cívica do que através da construção de um ideal de povo único cujas características são superiores.

Foi inclusive por esta formação, com vistas a todos os grupos, independente de suas situações perante a economia, a sociedade e a política que o futebol se fez tão aceito:

*"O sucesso mundial do futebol brasileiro obrigou a mudar as velhas teses sobre a identidade nacional. Não foram os políticos, os formadores de opinião ou muito menos os intelectuais (quase todos racistas e favoráveis ao 'branqueamento') que começaram a acreditar no valor do Brasil."*⁵⁸

E esta aceitação não se fez só internamente, afinal, como já dito antes, parte da criação de um sentimento nacional perpassa pela afirmação externa. Wisnik dizia que mais do que ser conhecido externamente, o Brasil se fez ser internacionalmente pelo futebol.⁵⁹ Afinal de contas, a presença num meio externo desde as grandes guerras não era mais exclusividade de país algum, mas a influência, o destaque e o conhecimento daquilo que se é por parte do restante do mundo não é algo tão simples e o futebol conseguiu fazer isso. Nelson Rodrigues dizia que *"não existe nada mais Brasil do que Pelé"*⁶⁰ e completava dizendo: *"Qualquer esquimó sabe quem é Pelé, qualquer tirolês sabe quem é Pelé. O povo chinês ignora que o homem desceu na lua. Mas sabe quem é Pelé."*⁶¹

Em suma, o que este estudo quis demonstrar é que estando o Brasil num cenário de subdesenvolvimento perante as demais nações, em especial os EUA que durante a guerra fria exercia forte influência sobre o seu 'quintal', ou

⁵⁸ DA MATTA, 2006, p.144.

⁵⁹ WISNIK, 2008, p.22.

⁶⁰ RODRIGUES, 2012, p.14.

⁶¹ RODRIGUES, 2012, p.18.

seja, a América latina, o país não conseguia fortalecer vínculos de identidades fortes entre os seus cidadãos e uma ideia de nação brasileira.

Existia um país com território, idioma, bandeira, hino, governo, mas não havia propriamente uma nação, ou seja, um povo único soberano. E foi na tentativa de construir uma nação e também um sentimento de identificação com esta que o Brasil buscou nos modelos externos uma forma de se fazer valer. Ocorre, porém, que dada a incompatibilidade de cenários entre o que era vivido nos EUA e a realidade brasileira percebeu-se clara desigualdade entre os dois a incapacidade de reproduzir o modelo almejado.

Foi no espaço dessa incapacidade e do sentimento de ódio e inveja gerado por ela que o ressentimento, tal como descrito por Liah Greenfeld e observado em outras nações do mundo como a Rússia e a Alemanha agiu no Brasil, transvalorando os valores e botando em destaque elementos nacionais perante os valores considerados primordiais pelo modelo externo de nação.

Foi o futebol, portanto, importante arma para por em destaque características brasileiras como a ginga e a malandragem, mas mais do que isso, o futebol propiciou ao Brasil um sentimento de unidade e de significado especial de forma que o brasileiro construiu uma soberania.

É importante destacar que esse estudo não cobre todas as facetas nas quais o futebol agiu no processo de transvaloração dos valores. A explanação foi bastante geral, mostrando que o esporte trouxe à tona elementos autóctnes, mas não trabalhou em específico com nenhum deles.

Mesmo assim é possível perceber, através do caminho delineado, o processo que levou o futebol a se tornar mais do que um esporte, um jogo, uma paixão, um símbolo, uma linguagem ou uma riqueza. Foi o ressentimento que fez do futebol a própria nação. O futebol que fez reafirmou o Brasil como inferior na derrota de 50, mas que o reergueu a ponto de construir todo um sentimento nacional. E independente do que já existia, o futebol recriou tudo, as histórias, os heróis, as guerras, os romances, a educação e fez o Brasil finalmente ter uma nacionalidade. Não como a dos franceses, ingleses ou russos, mas a sua, como assim deve ser.

Uma nacionalidade que duvida até mesmo da sua nacionalidade, mas que aprendeu com o futebol que faz parte do brasileiro um complexo de vira-lata, uma auto-colação em um patamar inferior que quando superada, faz do

brasileiro o maior do mundo.

O futebol se fez nação, fez a nação. E podem até existir estudos que comprovam que o Brasil não é só futebol, mas nem mesmo o futebol se limitou a ser apenas ele mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

%Balzack encontra Beckham+ In Folha de São Paulo, 5 de dezembro de 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br>

BELLOS, Alex; CASTRO, Jorge Viveiros de (Trad.). **Futebol: o Brasil em campo**. 1ª Edição. Zahar, 2002.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação do departamento de História da Universidade de Brasília. Agosto de 2006.

DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUARTE, Orlando. **Paixão, o Brasil de todos os mundiais**. São Paulo: aBooks, 2013.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história É Ensaio**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. London: Weldenfeld & Nicholson, 1983.

GLANVILLE, Brian. **Brasil na copa do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia gráfica Lux, 1973.

GREENFELD, Liah. Nacionalismo: **Cinco Caminhos para a Modernidade. Publicações Europa-América**. Edição nº 106077/6986. Novembro de 1998. Tradução de João Anapaz Álvares

GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil**. In **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. Organização de Mary Del Priore e Victor Andrade de Melo. 1ª Edição. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nations and Nationalism since 1780: programme, myth, reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Cia das letras, 2007.

MAURICIO, Ivan. **90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis**

MÁXIMO, João. **Memórias do Futebol Brasileiro**. In Estudos avançados. Volume 13, nº 37. São Paulo, setembro/dezembro 1999.

NASCIMENTO, Paulo César. **Dilemas do nacionalismo**. In Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, nº 56. São Paulo, 2º semestre de 2003, pp. 33-53.

NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo**. Rio de Janeiro: Editora objetiva, 2003.

NOGUEIRA, Armando; Araujo Neto. **Drama e glória dos bicampeões**. Editora do autor, 1962.

NOGUEIRA, Armando; GERCHMAN, Rubens. **Bola de cristal**. São Paulo: Editora Globo, 1986.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo: L&PM, 1986.

RODRIGUES, Nelson. **Brasil em campo**. Organização Sônia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Jair de; RITO, Lucia; LEITAO, Sergio Sa. **Futebol-arte: A cultura e o jeito brasileiro de jogar**. 1ª edição. São Paulo: Senac, 1998.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, poder e relações internacionais**. 3º edição. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.